



COMENTÁRIO ÀS SENTENÇAS DE PEDRO LOMBARDO Livro II, distinção 1, questão 1, artigo 5¹

TOMÁS DE AQUINO

Artigo 5

*Se o mundo é eterno*²

Quanto ao quinto, assim se procede. Parece que o mundo é eterno, e para isso se pode fornecer argumentos de quatro [tipos], a saber: a partir da substância celeste³, do tempo⁴, do movimento⁵ e do agente ou motor⁶.

1. Eis como são [os argumentos] a partir da substância dos céus: tudo o que é ingerado e incorruptível sempre existiu e sempre existirá. Porém, a matéria prima é ingerada e incorruptível, pois tudo o que é gerado é gerado a partir de um sujeito, e tudo que se corrompe se corrompe em um sujeito. Ora, a matéria prima não está em nenhum sujeito. Logo, a matéria prima sempre existiu e sempre existirá. Porém, a matéria nunca está desprovida de forma. Logo, a matéria existiu desde sempre (*luit ab aeterno*) tornada perfeita por suas formas, que constituem as espécies. Logo, o universo existiu desde sempre, do qual estas espécies fazem parte. E este é o argumento de Aristóteles na *Física*⁷.

2. Ademais, aquilo que não tem contrários não é corruptível nem sujeito à geração, pois a geração se dá a partir do contrário e a corrupção no contrário. Porém o céu não tem contrário, pois a seu movimento nada se contrapõe (*contrarietur*). Logo, o céu não está sujeito à geração nem é corruptível. Logo, sempre existiu e sempre existirá. E este é o argumento do Filósofo no *De caelo et mundi*⁸.

¹ Traduziu-se a partir da edição de Mandonnet (ST. THOMAE AQUINAS. *Scriptum Super Libros Sententiarum Magistri Petri Lombardi Episcopi Parisiensis*, Editio Nova, Tomus II, Paris: Sumptibus P. Lethielleux, 1929). Consultou-se as traduções de Raymond Berton e Olivier Boulnois (*Thomas d'Aquin et la Controverse sur l'éternité du monde*. Présentations et traductions sous la direction de Cyrille Michon. Paris: Flammarion, 2004), a de Steven E. Baldner e Willian Carroll (*Aquinas on Creation: Writings on the Sentences of Peter Lombard 2.1.1*. Pontifical Institute of Medieval Studies, 1997) e a de Roberto Coggi e Carmelo Pandolfi (TOMMASO D'AQUINO. *Commento alle sentenze di Pietro Lombardo e testo integrale di Pietro Lombardo*: Libro II, distinzioni 1-20. Edizioni Studio Domenicano, 2000). Traduzido por Tadeu Mazzola Verza. Professor Adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAM). E-mail: tmverza@gmail.com.

² Cf. *Suma de teologia* I, q. 46, a. 1.

³ Objecões 1 a 4.

⁴ Objecões 5 a 7.

⁵ Objecões 8 a 10.

⁶ Objecões 11 a 14.

⁷ *Física* I.9.192a25-33 (*In Physic.*, tx. 82).

⁸ *De caelo* I.3.270a13-23 (*In I De Caelo*, tx. 20).

3. Ademais, segundo a posição da fé, a substância do mundo é considerada incorruptível. Porém, tudo o que é incorruptível é ingerado. Logo, o mundo é ingerado [e, logo, sempre existiu]⁹. Demonstração da [premissa] menor¹⁰: tudo que é incorruptível tem o poder (*virtutem*) de existir sempre. Porém aquilo que tem o poder de existir sempre não se encontra às vezes existente e às vezes não existente, pois se seguiria que ao mesmo tempo seria existente (*ens*) e não existente (*non ens*). Com efeito, alguma coisa é existente por todo o tempo em que seu poder de existir (*essendi*) está determinado. Então, se há o poder em todo o tempo, existe (*est*) por todo o tempo; mas se ocorre às vezes de não existir (*esse*), segue-se que ao mesmo tempo existe e não existe. Logo, nada incorruptível é às vezes existente e às vezes não existente. Porém, tudo que é sujeito à geração é deste modo. Logo, etc. E este é o argumento do Filósofo no *De caelo et mundo*¹¹.

4. Ademais, tudo o que existe em algum lugar onde antes não existia nada, existe naquilo em que antes havia o vazio, pois o vazio é aquilo em que pode estar um corpo, pois nada há ali. Porém, se o mundo foi feito a partir do nada, onde o mundo está agora antes nada havia. Logo, antes do mundo havia o vazio. Porém o vazio existir é impossível, como foi provado na *Física*¹², e como demonstram muitas experiências sensíveis em muitas disposições (*ingeniis*) que a natureza não tolera o vazio. Logo, é impossível que o mundo tenha um início. E este é o argumento do Comentador no *De caelo et mundo*¹³.

5. O mesmo se pode argumentar da parte do tempo. Tudo o que existe sempre, em seu começo e fim, sempre existiu e sempre existirá, pois há algo após o princípio e antes do fim. Porém o tempo existe sempre naquilo que é princípio e fim do tempo, pois nada existe do tempo que não o instante (*nunc*), cuja definição é aquilo que é o fim do passado e o princípio do futuro. Logo, parece que o tempo sempre existiu e sempre existirá, e o mesmo quanto ao movimento, o móvel e todo o mundo. Este é o argumento do Filósofo na *Física*¹⁴.

6. Ademais, tudo aquilo que não pode nunca ser demonstrado como estável, mas sempre como fluindo, tem algo antes de si do qual fluiu. Porém o instante não se pode demonstrar como estável, como o ponto, mas sempre como fluindo, pois toda a natureza (*ratio*) do tempo está em fluxo e em sucessão. Logo, é preciso que antes de qualquer instante se ponha outro instante. Logo, é impossível imaginar que o tempo tenha tido um primeiro instante. Logo, o tempo

⁹ Mandonet exclui a passagem "ergo fuit semper" como adição de Parm. (cf., p 28).

¹⁰ I. é: tudo que é ingerado é incorruptível.

¹¹ *De caelo* I.12.281b32-282a13 (In *I De Caelo*, tx. 120 e 121)

¹² *Física* IV.6.213a12-9.217b28 (In *IV Physic.*, com. 64 a 86).

¹³ *De caelo* III, com. 29. [I em Mandonet, p. 28]

¹⁴ *Física* VIII.1.251b10-28 (In *VIII Physic.*, com. 10 e 11).

sempre existiu, e a mesma [conclusão segue] como [no argumento] anterior. E este é o argumento do Comentador no mesmo lugar¹⁵.

7. Ademais, o criador do mundo ou precede o mundo apenas por natureza ou também por duração. Se apenas por natureza, [o faz] como a causa [precede] o efeito. Logo, quando o criador existe, a criatura existe, e assim o mundo [existe] desde sempre (*ab aeterno*). Se também por duração, também o anterior e o posterior quanto à duração implicam (*causat*) a definição (*rationem*) de tempo. Logo, antes da totalidade do mundo existia o tempo, mas isto é impossível, pois tempo é um acidente do movimento e não existe sem movimento. Logo, é impossível que o mundo não exista sempre. E este é o argumento de Avicena em sua *Metafísica*¹⁶.

8. O mesmo pode ser mostrado da parte do movimento. É impossível haver uma nova relação entre algumas coisas a não ser que alguma mudança ocorra em uma delas, como é evidente na igualdade: algumas coisas não se tornam iguais pela primeira vez (*de novo*) senão pela alteração dos extremos pelo aumento ou diminuição. Porém, todo movimento implica uma relação entre o movido e o motor, que são relativos por oposição. Logo, é impossível que o movimento exista pela primeira vez (*de novo*), a não ser que alguma mudança o preceda, quer no motor, quer no movido. Por exemplo, que um se aproxime de outro ou alguma outra coisa semelhante. Logo, antes de todo o movimento há movimento, e assim o movimento existe desde sempre (*ab aeterno*), e [também] o móvel e o mundo. E este é o argumento do Filósofo na *Física VIII*¹⁷.

9. Ademais, tudo aquilo cujo movimento às vezes existe e às vezes está em repouso reduz-se a algum movimento contínuo que existe sempre, pois esta sucessão, que se dá pela alternância (*vicissitudine*) entre movimento e repouso, não pode ser a causa daquilo que se comporta de outro modo, pois aquilo que se comporta do mesmo modo sempre faz o mesmo. Logo, é preciso que a causa desta alternância seja outro movimento que, se não exista sempre (*est semper*), é preciso que tenha outro movimento anterior, e como não se procede ao infinito, é preciso chegar a algum movimento que exista sempre (*semper est*), e o mesmo quanto ao [movimento] anterior¹⁸. E este é o argumento do Comentador na *Física VIII*¹⁹. O mesmo se pode extrair das palavras do Filósofo²⁰. Este mesmo argumento é invocado pelo Comentador

¹⁵ *In VIII Physic.*, com. 12.

¹⁶ *Metafísica da Shifa'* IX.1.

¹⁷ *Física VIII*.1.251a8-b9.

¹⁸ Mandonnet add.; “et sic idem quod prius”.

¹⁹ *In VIII Physic.*, tx. 9.

²⁰ *Física VIII*.1.252a8-251b10.

na *Metafísica* VII²¹ para mostrar que se o mundo fosse feito seria preciso que este mundo fosse parte de outro mundo, cujo movimento acarretaria variação neste mundo, quer na alternância entre movimento e repouso, quer na alternância entre existir e não existir (*esse et non esse*).

10. Ademais, a geração de um é a corrupção de outro. Porém, nada se corrompe se não for antes gerado. Logo, antes de toda geração há geração e antes de toda corrupção, corrupção. Porém, isto não pode ser a não ser que o mundo seja existente (*existente*). Logo, o mundo existiu sempre (*semper fuit*). E este é o argumento do Filósofo no *De generatione*²².

11. O mesmo pode ser mostrado da parte de seu motor ou agente, pois toda ação ou movimento que vem do agente ou do motor não movido é preciso que exista sempre (*sit semper*). Porém, o primeiro agente ou motor é totalmente imóvel. Logo, é preciso que sua ação e seu movimento existam sempre (*sit semper*). A primeira [proposição]²³ assim se prova: tudo que age ou move após não ter agido ou movido passa da potência ao ato, pois cada coisa age segundo aquilo que é em ato. Então, se age após não ter agido é preciso que haja algo em ato nela que antes estava em potência. Porém, tudo que é levado da potência ao ato se move. Logo, tudo que age após não ter agido se move. E este é o argumento que se pode extrair das palavras do Filósofo na *Física*²⁴.

12. Ademais, Deus ou é agente por vontade ou por necessidade natural. Se por necessidade natural, com tais [agentes] sendo determinados a um [mesmo efeito], é preciso que ele faça sempre o mesmo, pois se o mundo é por ele feito em algum momento, é necessário que o mundo seja eterno (*esse aeternum*). Se, por outro lado, é agente por vontade, nenhuma vontade começa a agir pela primeira vez (*de novo*) a menos que algum movimento se faça naquele que tem vontade, ou por algo que impeça [a vontade] que antes existia e depois acabou, ou de algo que estimula [a agir] agora e não antes devido a algo que induz a agir que antes não induzia. Logo, visto que a vontade de Deus é imóvel, permanecendo a mesma, é evidente que não começou a agir pela primeira vez (*de novo*). E este argumento é comum ao Filósofo na *Física*²⁵, a Avicena²⁶ e ao Comentador²⁷.

13. Ademais, tudo o que tem vontade em algum momento age e em outro não age. É preciso que se imagine um tempo após o tempo, distinguindo um tempo em que quer agir de

²¹ *In VIII Metaph.*, com. 47.

²² *De generatione* I.10.336a14-31 (*In I De generat.*, tx. 17).

²³ I. é: “toda ação ou movimento que vem do agente ou do motor não movido exista sempre”.

²⁴ *Física* VIII.1.251a8-2; 4.255a20-b31 (*In VIII Physic.*, tx. 11). Relativamente a “omnem quod agit”, tx. 4-7. (Mandonet, p. 30)

²⁵ *Física* VIII.1.252a5-252b6.

²⁶ *Metafísica da Shifa'* IX.1.

²⁷ *In VIII Physic.*, com. 8 e 15.

um tempo em que não quer agir. Porém, imaginar o tempo após o tempo segue-se da mudança, da própria imaginação ou ao menos do que é imaginado, porque a sucessão do tempo é causada pela sucessão do movimento, como está claro na *Física*²⁸. Logo, é impossível que a vontade comece a agir de um novo (*novum*) movimento que não preceda outro movimento. E este é o argumento do Comentador na *Física*²⁹.

14. Ademais, toda vontade de fazer imediatamente produz o efeito, a não ser que careça algo ao que é querido que depois ocorra, como se presentemente tenho vontade de fazer fogo amanhã quando estará frio, presentemente isto de que tenho vontade carece da presença do frio que, ao ocorrer, imediatamente farei fogo, se puder, a menos que para isto alguma outra coisa falte. Porém, Deus tem uma vontade eterna de fazer o mundo, de outro modo ele seria mutável. Logo, é impossível que ele não tenha feito o mundo desde sempre (*ab eterno*), a menos que para isso ao mundo faltasse algo que depois ocorresse. Porém, nada pode ocorrer senão por alguma ação. Logo, é preciso que antes desta ação feita pela primeira vez (*de novo factum*) preceda outra ação que realize a mudança, e assim da vontade eterna jamais procede algo novo (*novum*), a não ser por um movimento intermediário eterno. Logo, é preciso que um mundo eterno tenha sempre existido (*semper fuisse*). E este é o argumento do Comentador no mesmo lugar³⁰.

1. Em sentido contrário, Deus ou é causa da substância do mundo ou não, mas [causa] apenas de seu movimento. Se apenas do movimento, logo sua substância não é criada. Logo, é primeiro princípio e, deste modo, haveria muitos primeiros princípios e muitas coisas incriadas, o que foi refutado acima³¹. Se, no entanto, for causa da substância do céu, dando existência (*esse*) ao céu, pois tudo o que recebe existência de outro segue-o em duração, parece que o mundo não existiu sempre (*non semper fuerit*).

2. Ademais, tudo o que é criado é feito a partir do nada. Porém, tudo o que é feito a partir do nada é ente (*ens*) após ser nada, pois não é o mesmo ser e não ser. Logo, é preciso que o céu antes não existisse e depois existisse, e o mesmo quanto ao mundo todo.

3. Ademais, se o mundo existisse desde sempre (*fuit ab aeterno*), então infinitos dias precederiam o dia atual. Porém o infinito não é [possível de se] atravessar. Logo, nunca se poderia chegar a este dia, o que é falso. Logo, etc.

²⁸ *Física* IV.1.218b21-219a10 (*In IV Physic.*, tx. 101).

²⁹ *In VIII Physic.*, com. 15.

³⁰ Com. 15.

³¹ Artigo 1.

4. Ademais, ao que quer que se possa fazer uma adição, este pode ser algo maior ou mais numeroso. Porém, aos dias que precederam se pode adicionar dias. Logo, o tempo passado pode ser maior do que é. Porém, o infinito não é maior nem pode ser. Logo, o tempo passado não é infinito.

5. Ademais, se o mundo existisse desde sempre (*fuit ab aeterno*), então a geração existiria desde sempre tanto para o homem quanto para o animal. Porém, toda geração tem o gerador e o gerado, o gerador sendo a causa eficiente do gerado e, deste modo, na causa eficiente haveria o proceder ao infinito, o que é impossível, como provado na *Metafísica*³². Logo, é impossível que a geração exista sempre, e [o mesmo quanto] ao mundo.

6. Ademais, se o mundo existisse sempre, os homens existiriam sempre. Logo, infinitos homens teriam morrido antes de nós. Porém, ao morrer o homem, sua alma não morre, mas permanece. Logo, presentemente haveria de modo absoluto infinitas almas em ato fora de corpos. Porém é impossível existir um infinito em ato, como provado na *Física III*³³. Logo, é impossível que o mundo tenha existido sempre.

7. Ademais, é impossível que algo equivalha a Deus. Porém, se o mundo existisse sempre, equiparar-se-ia a Deus em duração. Logo, isto é impossível.

8. Ademais, nenhuma potência (*virtus*) tem uma operação infinita. Porém, a potência do céu é uma potência finita, pois sua magnitude é finita, e é impossível que uma magnitude finita tenha um poder infinito. Logo, é impossível que seu movimento ocorresse em um tempo infinito, e do mesmo modo é impossível que seu ser tenha durado um tempo infinito, pois a duração das coisas não excede a potência que tem por existir, e, assim, começou em algum momento.

9. Ademais, ninguém duvida que Deus preceda o mundo por natureza. Porém, em Deus é o mesmo natureza e sua duração. Logo, Deus precedeu o mundo em duração. Logo, o mundo não existe desde sempre (*fuit ab aeterno*).

Respondo dizendo que acerca desta questão há três posições. A primeira é a dos filósofos³⁴, que disseram que não apenas Deus existe desde sempre (*est ab aeterno*), mas também [existem desde sempre] as outras coisas. Porém [o fizeram] diferentemente, pois alguns, antes de Aristóteles, estabeleceram que o mundo está sujeito à geração e que todo o

³² *Metafísica* II.2.994a1-b31 (*In II Metaph.*, tx. 5).

³³ *Física* III.5.204b10-206a8 (*In III Physic.*, tx. 35).

³⁴ *In I De caelo* tx. 102; III, tx. 21 e 24; *In I Metaph.*, tx. 16; III, tx. 14; *In VIII Physic.*, tx. 10 (Mandonet, p. 32).

universo é deste modo, como é [o caso] de algum particular de alguma espécie em que um indivíduo se corrompe e outro é gerado. E esta era a posição de Empédocles.

Outros disseram que as coisas estiveram em repouso por um tempo infinito e pelo intelecto começaram a se mover, saindo e se separando umas das outras. E esta era a opinião de Anaxágoras.

Outros disseram que as coisas desde sempre se moviam por um movimento desordenado e, depois, foram conduzidas (*reductae*) à ordem, ou pelo acaso - como afirmou Demócrito que corpos indivisíveis que se movem por si por acaso são agrupados entre si - ou por um criador, e isto afirmou Platão, como se diz no *De caelo* III³⁵.

Outros disseram que as coisas existiram desde sempre segundo esta ordem que presentemente possuem, e esta é a opinião de Aristóteles e de todos os filósofos depois dele. E esta opinião é, entre as anteriores, a mais provável, mas são todas falsas e heréticas.

A segunda posição é a dos que dizem que o mundo começou a existir (*esse*) após não ter existido (*non fuerat*), e o mesmo para tudo que existe, exceto Deus, e que Deus não pôde fazer o mundo desde sempre, não por sua impotência, mas porque o mundo não poderia ter sido feito desde sempre (*ab aeterno fieri*), pois foi criado³⁶. Também querem que o mundo tivesse começado, não somente porque a fé o sustenta, mas porque se prova por demonstração.³⁷

A terceira opinião é a dos que dizem que tudo que existe, exceto Deus, começou a existir (*esse*), no entanto, [Deus teria podido produzir as coisas desde sempre; então,]³⁸ que o mundo começou não se pode demonstrar, mas por revelação divina se conhece (*habitu*) e se crê. E esta posição se apóia na autoridade de Gregório³⁹, que [diz] que algumas profecias são relativas ao passado, como Moisés profetizou ao dizer no Gênesis I: “No princípio Deus criou o céu e a terra”. Eu concordo com esta posição, pois não creio que possamos assumir haver um argumento demonstrativo para isso nem para a [existência da] Trindade, embora seja impossível que a Trindade não exista. Isto exhibe a debilidade dos argumentos acatados como demonstrações, todos os quais foram estabelecidos e resolvidos pelos filósofos que sustentam a eternidade do mundo. Por essa razão, voltaria a fé antes ao escárnio do que à confirmação daquele que, apoiado em tais argumentos, pretendesse provar, contra os filósofos, a iniciação (*novitatem*) do mundo.

³⁵ *De caelo* III.2.300b8-26. Cf. *Timeu* II 30a.

³⁶ Cf. Tomás de Aquino. *Sobre a eternidade do mundo*.

³⁷ Esta é a posição que Tomás atribui a Bonaventure, e até mesmo a Grosseteste. Tomás descreve aqui aquela que será a posição de William de Baglion (Boulnois, n. 52).

³⁸ Mandonet exclui esta passagem: "sed tamen Deus potuit ad aeterno res produxisse, ita quod".

³⁹ Gregório. *In Ezech Hom* I, 1, 1 (PL 76: 786; CCSL 142: 6).

Logo, digo que nenhuma parte destas questões são demonstrações, mas ambos os lados são argumentos prováveis ou sofisticos. E isto é o que significa a palavra do Filósofo ao dizer que há certos problemas para os quais não temos argumentos, como se o mundo é eterno⁴⁰. Então, ele mesmo nunca pretendeu demonstrar isso⁴¹, o que é evidente por seu modo de proceder, porque onde trata desta questão sempre acrescenta algo persuasivo, quer da opinião comum, quer que torne aceitável à razão (*approbatione rationum*), que de modo algum convém àquele que demonstra.

O motivo pelo qual isto⁴² não se pode demonstrar é este: a natureza das coisas varia conforme o que é no ser perfeito⁴³, conforme o que é em sua primeira origem (*in primo sua fieri*), [isto é], conforme o que surge da causa, como uma natureza é a do homem já nascido e outra a sua conforme o que é quando está no útero materno. Então, se alguém, das condições do homem nascido e perfeito quer argumentar sobre as condições do que é imperfeito quando existe no útero da mãe, se engana (*deciperetur*), conforme narra Maimônides⁴⁴ sobre um garoto que, morta a mãe quando tinha poucos meses, cresceu em uma ilha sozinho. Chegando à idade da razão (*annos discretionis*), perguntou a alguém se os homens eram feitos e de que modo. Quando foi exposto o modo da geração humana, o jovem objetou que isto era impossível, assegurando que o homem não respiraria, comeria ou expeliria o supérfluo, e não poderia viver nem por um dia quanto mais poderia viver no útero da mãe por nove meses. Do mesmo modo, erra aquele que a partir do modo de se fazer uma coisa no mundo já perfeito, quer mostrar a necessidade ou a impossibilidade do começo do mundo: que aquilo que agora começa a existir começa pelo movimento, então é preciso que o motor preceda em duração e também que preceda em natureza, e que haja contrariedade. Mas nada disso é necessário no proceder de Deus o ser do universo.

1. Logo, contra o primeiro se diz que da matéria não ser sujeita à geração e corrupção não se segue, contudo, que tenha existido sempre (*semper fuerit*), pois ela começou a ser não pela geração a partir de algo, mas [começou a ser] inteiramente, a partir do nada. E do mesmo modo ela poderia deixar [de existir] se Deus o quisesse, de quem a vontade comunica o ser para a matéria e para todo o mundo.

⁴⁰ *Tópicos* I.8; 11.104b16.

⁴¹ Cf. *Guia dos perplexos* II.15.

⁴² I.é: a eternidade do mundo.

⁴³ I.é: completo, acabado.

⁴⁴ *Guia dos perplexos* II.17.

2. E de modo semelhante se diz contra o segundo: este argumento se aplica para o começo [que se dá] por geração e movimento. Então, este é um argumento contra Empédocles e outros, que defenderam que o céu foi gerado.

3. Contra o terceiro se diz que a potência para a duração que agora existe no céu não é medida por um tempo determinado. Então, por ela⁴⁵, se ele⁴⁶ sempre existisse (*habuisset*), antes e depois poderia haver um tempo infinito. Porém esta potência de duração não existiu (*habuit*) sempre, mas ela lhe foi conferida pela vontade divina em sua criação.

4. Contra o quarto se diz que antes da criação do mundo não havia vazio, nem depois, pois o vazio não é somente negação, mas privação, pois ao se estabelecer o vazio é preciso estabelecer um lugar ou dimensão separadas, conforme afirmam os que defendem o vazio. Nós não colocamos nada antes do mundo. E se é dito que era possível [antes de o mundo ser feito que o mundo era para existir aqui onde agora está]⁴⁷, se diz sobre isso que não estava senão no poder do agente, conforme foi dito acima⁴⁸.

5. Contra o quinto se diz que este argumento é circular, conforme é evidente segundo o Filósofo. Pelo anterior e posterior no movimento há o anterior e posterior no tempo; então, quando se diz que todo instante (*nunc*) é o fim do anterior e o princípio do posterior, supõe-se que a todo o momento do movimento segue-se algum movimento e precede outro. Então, digo que esta proposição não pode provar senão por suposição daquilo que por ela se concluiu. E é evidente que isto não é uma demonstração.

6. Contra o sexto se diz que o instante (*nunc*) nunca é inteligido como estável, mas sempre como fluindo (*ut fluens*), nem como fluindo apenas a partir de um anterior (*ut fluens a priori*), a não ser que um movimento o preceda, mas para um posterior; nem, por sua vez, [como algo fluindo apenas] para um posterior, mas [também] de um anterior, a não ser que um movimento se siga⁴⁹. Então, se nunca se segue ou precede um movimento, o instante não seria instante, e isto é evidente no movimento particular, cujo início se percebe pelos sentidos (*sensibiliter incipit*) e que a qualquer momento está fluindo e, todavia, algum é primeiro e outro último, segundo o termo de onde vem e para onde vai (*terminum a quo et in quem*).

7. Contra o sétimo se diz que Deus precede o mundo não apenas por natureza, mas também por duração, não apenas duração quanto ao tempo, mas [também] quanto à eternidade,

⁴⁵ I. é, potência.

⁴⁶ I. é, o céu.

⁴⁷ Cf. *De pot. Dei* I, 3, a. 17, args. 27 e 28. Mandonet exclui a passagem: "ante factionem mundi mundum futurum esse ubi nunc est".

⁴⁸ Art. 2, ad 1.

⁴⁹ O instante não é aquilo que parte de um anterior ou segue para um posterior, mas o que segue para um posterior partindo de um anterior, conforme a definição de instante dada no arg. 6.

pois antes do mundo não havia tempo existindo na natureza das coisas, mas apenas na imaginação, pois agora imaginamos que antes deste tempo finito Deus poderia ter acrescentado muitos anos, os quais todos presentes seriam a eternidade, e por causa disso se diz que Deus poderia ter feito o mundo antes de tê-lo feito e maior e em maior quantidade (*majorem et plures*).

8. Contra o oitavo se diz que uma nova relação ocorre não a partir da mudança (*mutatione*) do motor, mas da mudança do móvel, e [em sentido] amplo mudança é tomada como criação, o que propriamente mudança não é, conforme dito acima⁵⁰. Donde, a criação do céu precede seu movimento, ao menos por natureza, mas criação não é precedida por uma mudança, pois é a partir do não ser absolutamente. Se, no entanto, se supuser que o céu tivesse existido antes do começar a se mover, o argumento não procederia, pois se deve compreender que uma relação se apresenta de dois modos.

Uma é a relação absoluta, como [é o caso] de todas as coisas que estão [ligadas] a outras segundo o ser, como a paternidade e a filiação. E tal relação não tem início (*efficitur nova*) senão pela aquisição daquilo em que a relação está fundada. Portanto, se é adquirido pelo movimento, tal relação segue o movimento, como a semelhança de um com outro segue a alteração na qualidade sobre a qual a relação está fundada. Se, por outro lado, é adquirida por criação, segue a criação, como a semelhança da criatura com relação a Deus foi fundada sobre a bondade que é adquirida pela criação, pela qual a criatura se assemelha a Deus.

Porém, outras coisas são relativas, as quais ao mesmo tempo implicam a relação e o fundamento da relação. A iniciação (*novitatem*) [do mundo], porém, é uma relação tal que exige a aquisição daquela coisa que é significada pelo nome, como, por exemplo, o próprio hábito que é a ciência e do mesmo modo para a relação que o nome movimento implica, que tem início (*efficitur nova*) pela aquisição do próprio movimento pelo motor no móvel.

9. Contra o nono se diz que neste tipo de alteração (*vicissitudinis*) em que em algum momento o mundo não existe e depois existe (*fruit*), a causa eficiente não é algum movimento, mas alguma coisa que se possui sempre do mesmo modo, isto é, a vontade divina, que existe desde sempre deste [modo]: que o mundo saia para o ser depois do não ser (*mundus in esse post nom esse exiret*). E se se disser que o mundo faz sempre o mesmo, digo que é verdade se se tomar o agente primeiro⁵¹ segundo o sentido próprio: aquilo que produz precisamente este efeito. Porém, assim como o agente natural é determinado pela forma própria de tal modo que

⁵⁰ Art. 1, resp.

⁵¹ Mandonnet insere "primum".

nunca se segue uma ação a não ser que convenha à sua forma, o agente voluntário é determinado à ação pelo propósito da vontade. Então, se a vontade não é passível de ser impedida ou movida, não se segue nenhum efeito senão aquele segundo o qual a vontade se propôs. E é verdade que a vontade divina, por ser sempre a mesma, sempre faz aquilo que desde sempre quis porque nunca é causada, mas isso não faz com que exista sempre o que quis, pois ele mesmo não o quer. Assim, se isto fosse feito⁵², então seria feito aquilo que ele mesmo não quer, e seria semelhante ao calor produzir o frio.

10. Contra o décimo se diz que os primeiros indivíduos sujeitos à geração e corrupção não vieram a ser por geração, mas por criação, e, portanto, não é preciso que preexistia aquilo a partir de que sejam criados, pois deste modo se procederia ao infinito.

11. Contra o décimo primeiro se diz que há [dois tipos] de agentes. Um [é agente] por necessidade natural e este é determinado à ação por aquilo que está em sua natureza, donde ser impossível que comece a agir a não ser por aquilo que passa da potência ao ato, quer essencial quer acidentalmente. O outro é agente por vontade, e neste há uma distinção. Alguns agem por uma ação intermediária que não é a essência do próprio agente, e em tais [agentes] não pode seguir um efeito novo (*novus*) sem uma nova (*nova*) ação, e a iniciação (*novitatem*) da ação produz alguma mudança no agente na medida em que passa do repouso ao ato, como é dito no *De anima* II⁵³. Outros [agentes por vontade], no entanto, agem sem uma ação intermediária ou instrumento, e tal agente é Deus, donde seu querer ser sua ação, e como seu querer é eterno, assim o é [sua] ação. Não se segue, no entanto, nenhum efeito senão segundo a forma da vontade, que propõe fazer deste ou daquele modo, e por esse motivo não passa da potência ao ato, mas o efeito que estava na potência do agente torna-se ente (*ens*) em ato.

12. Contra o décimo segundo se diz que em todas as coisas que agem em razão de um fim que está fora da vontade, a vontade está regulada segundo este fim, donde segundo aquelas coisas que impedem e auxiliam para o fim, [a vontade] quer às vezes agir e às vezes [quer] não agir. Porém, a vontade de Deus não deu existência (*esse*) ao próprio mundo (*universo*) por causa de algum fim existente fora de sua vontade, do mesmo modo que não move por causa de outro fim, como os filósofos concordam, pois o mais nobre não age por causa do mais vil que ele. Por esse motivo não é preciso que, por não agir sempre, tenha algo que o induza ou reprima, a não ser por uma determinação de sua vontade, a qual procede de sua sabedoria, que excede toda a compreensão (*omnem sensum*).

⁵² I. é, existir desde sempre.

⁵³ *De anima* II.5.417a14-417b28.

13. Contra o décimo terceiro se diz que o intelecto divino entende tudo simultaneamente, e é por este motivo que entende o presente deste tempo e de outros, não sendo [a compreensão] qualquer mudança em seu intelecto, embora isto não possa ocorrer em nosso intelecto. Por esse motivo é evidente que o argumento é sofisticado. Do mesmo modo não se coloca nenhum movimento da parte da coisa imaginada, pois Deus não quis fazer o mundo (*universo*) após certo tempo, pois o tempo antes não existia senão imaginado, como dito anteriormente.

14. Contra o décimo quarto se diz que a vontade divina não produziu o universo desde sempre (*ab aeterno*) porque algo faltava ao que ele mesmo queria. De fato, isto que se pode entender faltar à coisa querida em vista da qual é retardada é sua própria adequação (*proportio*) ao fim. Por exemplo, a vontade do homem retarda o tomar o remédio quando o remédio não é adequado (*proportionata*) à saúde do homem. E do mesmo modo digo que ao próprio mundo, feito desde sempre (*ab aeterno*), faltaria uma adequação ao fim, que é a vontade divina, pois Deus quis que tivesse existência (*esse*) após a não existência (*non esse*), tanto em natureza quanto em duração. E se [o mundo] tivesse existido desde sempre, isto lhe faltaria, pois não estaria adequado à vontade divina, que é seu fim.

E porque nos argumentos elaborados em sentido contrário, os quais afirmo não serem demonstrações, se encontram respostas por parte dos filósofos, ainda que concluam verdadeiramente também contra eles se deve responder de acordo com o que os próprios filósofos respondem, para que não ocorra o inesperado para aqueles que disputam contra os que defendem a eternidade do mundo.

1. Contra o primeiro se diz que, conforme diz o Comentador no *De substantia orbis*⁵⁴, Aristóteles nunca pretendeu que Deus fosse apenas a causa do movimento do céu, mas também que fosse a causa de sua substância, dando-lhe ele mesmo a existência (*esse*). De fato, como [o céu] tem um poder (*virtutis*) finito, pois é um corpo, ele carece de algum agente de poder infinito do qual receba tanto a perpetuidade de movimento quanto a perpetuidade de existência (*essendi*), como [recebeu] movimento e existência (*esse*). No entanto, disto não decorre que preceda em duração, pois não se dá existência (*esse*) pelo movimento, mas por influência eterna, na medida em que sua ciência é causa das coisas. E do fato de que ele sabe, desde sempre

⁵⁴ Averróis. *De substantia orbis* II, p. 83-87.

existe⁵⁵, do mesmo modo que do sol existir desde sempre segue-se que seu raio existe desde sempre.

2. Contra o segundo responde Avicena em sua *Metafísica*⁵⁶. Com efeito, diz que todas as coisas foram criadas por Deus e que a criação é a partir do nada ou daquilo que tem existência (*esse*) depois do nada (*post nihil*). Porém isto pode ser entendido de dois modos: ou que se designa a ordem de duração e, neste modo, segundo ele, é falso, ou que se designa a ordem da natureza e, deste modo, é verdadeiro. Com efeito, para cada coisa, aquilo que ela tem por si (*quod est ei ex se*) segundo sua natureza é anterior ao que tem por outro (*id quod est ei ab alio*). Então, qualquer que seja a coisa, exceto Deus, tem existência (*esse*) a partir de outro. Logo, é evidente que segundo sua natureza seria não existente (*non ens*), a não ser que recebesse existência (*esse*) de Deus, como também diz Gregório⁵⁷ que todas as coisas acabariam em nada se a mão do onipotente não as conservasse. E, assim, o não ser que tem por si naturalmente é anterior ao ser que tem por outro, mesmo se não [for anterior] por duração. E, deste modo, os filósofos concedem que as coisas foram criadas e feitas por Deus.

3. Contra o terceiro se diz que o infinito em ato é impossível, mas o infinito ser por sucessão não é impossível. Com efeito, do infinito assim considerado, o que quer que se tome é finito. De fato, ser atravessado não pode ser inteligido a não ser de algo determinado para algo determinado e, portanto, qualquer que seja o tempo determinado que se tome, sempre deste tempo para outro o tempo é finito, e, portanto, se chega ao tempo presente. Ocorre que se pode dizer que o tempo passado é, quanto às partes anteriores, infinito, e quanto às posteriores finito, e o contrário quanto ao tempo futuro. Com efeito, cada uma destas partes pelas quais é finito pode-se pôr um termo, quer princípio quer fim, donde do fato de o tempo passado ser infinito por sua parte anterior, segundo eles, segue-se que não tem princípio, mas tem fim, e, por essa razão, segue-se que se um homem começa a contar a partir deste dia, não poderia, contando, chegar ao primeiro dia, e o contrário segue-se do futuro.

4. Contra o quarto se diz que ao infinito não se faz adição relativamente à totalidade de sua sucessão, mesmo se infinito é tomado apenas em potência. Porém, alguma [adição pode ser feita] ao finito tomado em ato, e deste ninguém impede que haja mais ou algo maior. E que este argumento é sofisticado é evidente, pois impede o infinito na adição numérica, como se se dissesse: algumas espécies de números excedem a dezena, outras não excedem a centena. Logo,

⁵⁵ Segundo Averróis. A passagem em Mandonnet lê-se: “et ex hoc quod scit ab aeterno esse”. Em Parm., lê-se: “et ex hoc quod scit ab aeterno et vult, sequitur res ab aeterno esse” (do fato de que ele sabe e quer desde sempre, segue-se que as coisas existem desde sempre).

⁵⁶ *Metafísica da Shifa* VI.1-2; IX.4

⁵⁷ *Moral XVI*, cap. xxxvii, col. 1143, t. 1.

mais espécies excedem a dezena do que a centena. Como há infinitos [números] que excedem a centena, haveria algo maior que o infinito. Logo, é evidente que o excesso, a adição e o atravessar não dizem respeito senão a algo em ato, ou existente na coisa, ou em ato pelo intelecto ou admitido pela imaginação. Portanto, por estes argumentos basta para se provar que não há infinito em ato nem isto é necessário para a eternidade do mundo. E estas soluções são tomadas das palavras do Filósofo⁵⁸.

5. Contra o quinto se diz que o mesmo efeito precede causas infinitas por si (*per se*), ou essencialmente, é impossível, mas de modo accidental é possível. Isto quer dizer que qualquer efeito cuja natureza (*ratio*) seja a de proceder de causas infinitas é impossível, mas aquelas causas cuja multiplicação não tem nenhum interesse para o efeito, ocorre de para o efeito serem infinitas. Por exemplo, para que haja a faca são exigidas por si (*per se*) algumas causas eficientes (*causa moventes*), como o artesão e o instrumento, e que isto seja infinito é impossível, pois disto se seguiria que o infinito existe simultaneamente em ato. Porém, que da faca feita por algum velho artesão, que muitas vezes consertou seus instrumentos, segue-se uma multitude sucessiva de instrumentos, isto é por acidente, e ninguém proíbe haver infinitos instrumentos precedendo esta faca se o artesão existisse desde sempre (*faber fuisset ab aeterno*).

O mesmo quanto à geração dos animais, pois o sêmen do pai é a causa eficiente deles [e causa] instrumental em relação ao poder do sol. E porque instrumentos deste tipo, que são causas segundas, se geram e se corrompem, ocorre que sejam infinitos. E também do mesmo modo ocorre que dias infinitos precederam este dia, pois a substância do sol, segundo eles, existe desde sempre, e cada revolução (*circulatio*) sua é finita. Este argumento é dado pelo Comentador na *Física VIII*⁵⁹.

6. Ao sexto se diz que é das objeções a mais forte. Al-Ghazali a responde em sua *Metafísica*⁶⁰, onde divide o ser (*ens*) em finito e infinito. Concede que existe (*esse*) infinitas almas em ato, mas que isto é por acidente, pois a alma racional separada do corpo não tem dependência uma da outra. Porém, o Comentador responde que as almas não permanecem múltiplas após o corpo, mas de todas apenas uma permanece, como ficará claro abaixo. Então, mesmo se esta posição, que é apresentada no *De anima III*, não fosse anteriormente refutada, o argumento contra elas não seria conclusivo⁶¹. E o mesmo argumento também é mencionado por Maimônides⁶², mostrando que o referido argumento não é demonstrativo.

⁵⁸ *Física III*.6.206a9-b33 (*In III Physic.*, tx. 36); 7.207b27-34 (*In III Physic.*, tx. 56).

⁵⁹ *In VIII Physic.*, com. 15 e 47.

⁶⁰ 1.1.6.

⁶¹ Cf. *In Sent.* d. 17, q. 2, a. 1.

⁶² *Guia dos perplexos* I.73.

7. Contra o sétimo se diz que mesmo se o mundo existisse sempre (*semper fuisset*), não igualaria Deus em duração, pois a duração divina, que é eterna, é um todo simultâneo, diferente da duração do mundo, cuja sucessão do tempo varia. Isto é o que estabelece Boécio no *De consolatione* V⁶³.

8. Contra o oitavo se diz que, segundo o Filósofo, no céu não há potência para existir (*ad esse*), mas apenas para o lugar (*ubi*). Assim, não se pode dizer que a potência para existir seja finita ou infinita, mas que a potência para o lugar é finita. No entanto, não é preciso que o movimento local, ao qual corresponde esta potência, seja finito, pois o movimento é infinito em duração pela infinitude de um poder motor do qual flui o movimento no móvel. E este é o argumento do Comentador na *Metafísica* XI⁶⁴. No entanto, aquilo que ele diz, de que não há potência para existir, deve-se entender que [não há potência] para adquirir existência (*esse*) pelo movimento. No entanto, há poder ou potência para existir [no céu], conforme se diz no *De caelo* I, e este poder é finito. Porém, uma duração infinita se adquire pelo agente separado infinito, como ele mesmo diz⁶⁵.

9. Contra o nono se diz que a duração de Deus, que é sua eternidade, e sua natureza, são a mesma coisa, mas se distinguem pela definição (*ratione*), ou seja, no modo de significar (*modo significandi*), pois natureza significa algum [tipo] de causalidade na medida em que se diz que natureza é princípio de movimento. Por sua vez, duração significa algum [tipo] de permanência e, por esta razão, se se aceita a preeminência da natureza e da duração divina sobre a criatura, como ambas são uma [mesma] coisa, segue-se a mesma preeminência. Assim, como a natureza divina precede a criatura em dignidade e causalidade, a duração divina do mesmo modo precede a criatura. No entanto, não é preciso, se Deus precede o mundo segundo o modo de natureza, como se indica (*significatum*) quando se diz que naturalmente precede o mundo, que também preceda o mundo segundo o modo de duração, como se indica quando se diz que Deus precede o mundo por duração, pois não possui o mesmo modo de significar natureza e duração. E do mesmo modo se resolvem muitas das outras objeções semelhantes, como é dito no livro I⁶⁶.

⁶³ *De consolatione* V, prosa 6.

⁶⁴ Com. 41.

⁶⁵ *De substantia orbis* III.

⁶⁶ *Sentenças* d. 30, q. 1, aa. 1-3.